

01 SET 1998

O cenário do caos

Mais uma vez estamos em ano eleitoral. Novamente, decidiremos o nome do futuro presidente da República. Há muitos indecisos e até desiludidos com o processo democrático e político. Já ouvi muitos brasileiros se perguntarem: "Por que eu devo me preocupar em votar?"

Votar é a responsabilidade da liberdade e da democracia que todo cidadão deve cumprir. A democracia não é perfeita. Winston Churchill, o grande estadista britânico, genialmente descreveu a democracia como a pior forma de governo já concebida pelo homem, exceto as outras. Não votar, com seriedade e consciência, é negligenciar a Pátria.

O processo político de um país não é como um par de dados que alguém pode jogar até acertar a melhor combinação. O Brasil mudou muito nos últimos anos, em boa parte pelo trabalho do presidente Fernando Henrique Cardoso. Toda moeda tem dois lados, positivo e negativo. Tivemos melhoras e piores com



É melhor ter mais desemprego do que sofrer com a volta da hiperinflação

o Real, sem dúvida alguma.

O presidente Fernando Henrique merece outro mandato? Para responder a essa pergunta temos de levar em consideração dois aspectos: seu desempenho e as opções para substituí-lo.

Com a estabilização econômica e o fim da inflação, Fernando Henrique deu o primeiro e mais importante passo para que o Brasil se torne um

país moderno e melhor. Temos de nos prevenir do perigo da volta da hiperinflação. Ela é um tumor maligno que afeta o desenvolvimento econômico, uma vez que não atinge apenas os ricos, mas, principalmente, os pobres e miseráveis. Não há ganho social maior do que o fim dela.

Já a única alternativa a Fernando Henrique Cardoso com alguma chance de vitória é Lula. Seria ele capaz de governar o Brasil? Não, absolutamente não. Além da falta de preparo intelectual, Lula não tem nenhuma experiência administrativa, acadêmica ou empresarial.

Como seria o Brasil com três

meses de governo Lula? Seria a república sindicalista. Imagino o cenário do caos.

Greves por todo o País, do funcionalismo público ao setor privado. O MST promovendo uma ofensiva de invasões de terras, exigindo uma reforma agrária radical que tire terras da *burguesia*. Vários grupos internos do PT iniciando uma onda de reivindicações absurdas, exigindo do presidente atitudes que afrontem os *imperialistas do capital*. O Congresso em estado de alerta, diante da falta de entendimento com o governo. Um parlamentar conservador resolve, inspirado em propostas petistas do tempo em que o partido fazia oposição, propor um aumento de 300% para o salário mínimo. A hiperinflação começa a ressurgir. As bolsas caem e há fugas de capitais. Um país em convulsão.

O maior tolo de todos é aquele que não consegue ou se recusa a aprender a lição da História. Da última vez em que o Brasil teve um presidente de esquerda, inconsequente e incompetente, o resultado foi uma ditadura de 20 anos.

O presidente Fernando Henrique é um verdadeiro estadista, um intelectual respeitado nos meios acadêmicos de mundo inteiro. Ele inspira confiança aos setores financeiros nacionais e

internacionais, dando ao Brasil uma respeitabilidade fundamental nesta aldeia global em que o mundo se transformou.

O trabalho de Fernando Henrique não está terminado. Reformas constitucionais, imprescindíveis para o futuro do País, ainda precisam ser realizadas, como a tributária. A miséria e o desemprego precisam ser combatidos com rigor. Aliás, a culpa que se atribui ao governo pelo desemprego é injusta, uma vez que esse problema afeta o mundo inteiro. O professor A.W. Phillips, da London School of Economics, tem uma teoria, com a qual concordo, que afirma existir uma troca entre o nível de hiperinflação e o nível do desemprego. E qualquer economista sensato diria que é melhor ter mais desemprego do que hiperinflação.

William Shakespeare escreveu, em *O Mercador de Veneza*, que a vida é um palco e todo homem tem um papel a interpretar. O papel do professor Fernando Henrique Cardoso é o de presidente da República Federativa do Brasil. Continuará sendo o ator principal no dia 1.º de janeiro de 1999. Seus concorrentes serão, mais uma vez, meros coadjuvantes.

■ Jânio Quadros Neto é bacharel em Economia pela Universidade de Londres